

CINE-JORNAL

ANO I — N.º 3 — 4 DE NOVEMBRO DE 1935

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00

5/11/1935

★

—Jeanette Mac Donald—
a encantadora estre-
la da Metro, na sua
residência de Bron-
twood.

★



NO PRÓXIMO NÚMERO: Um sensacional artigo de IOAN CRAWFORD



Dentro dum grande chapéu de palha, duas lindas raparigas parecem apregoar a supremacia dos mesmos. Trata-se, afinal, duma imagem de «Polles Bergères», o novo filme Maurice Chevalier

Os mais famosos «gags» de Charlot

Se evocarmos qualquer dos filmes de Charlie Chaplin ocorre-nos logo à mente a série dos seus famosos «gags». Entre os inesquecíveis, contam-se:

Dia do pagamento: A cena em que Charlot entra em casa, de madrugada, e se prepara para se deitar... A mulher acorda... Charlot torna a vestir o casaco, como se tivesse acabado de se levantar, naquele instante.

Peregrino: A visita do menino malcriado; o álbum da família; o sermão na igreja protestante.

A Quimera do ouro: A noite do fim do ano; Charlot come as próprias botas; a dança dos «papo-secos».

O garoto de Charlot: O miúdo quebra os vidros. Charlot é vidraceiro...

O Circo: Chaplin prestidigitador.

Luzes da Cidade: Charlot engole um apito.

Tempos modernos: Chaplin foge numa camioneta e agarra-se a um trapo vermelho que dêle pende. Ao passar por um grupo de grevistas, tomam-no como um agitador comunista e elegem-no chefe...

Crónica amorosa de Hollywood

Katharine de Mille e Eric Rhodes esperam legalizar, brevemente, o seu romance.

Betty Furness, segundo parece, substituiu, no coração de Cary Grant, o «flirt» actualmente em Inglaterra. Mary Astor está prestes a dizer o sim...

George Brent, que esteve apaixonadíssimo pela Garbo, depois do *Veu das Ilusões*, passeia muito com a linda Jean Mair, para esquecer a estrêla sueca.

Rouben Mamoulian e Lewin Milles-tone estão dispostos a tentar o impossível para tomar, respectivamente, Gertrude Michael e Ida Lupino, em grandes vedetas...

E Maë West anda perdida de amores por Jim Timoney, um homem audacioso...

Merle Oberon continua a fazer das suas...

Ainda Merle Oberon continua a provocar escândalos sobre escândalos...

Todos sabem já que o seu casamento com Joseph Shenck foi adiado *sine die*, e para uma data de tal forma longínqua, que não mais se realizará.

Ainda não se tinha pôsto pedra em Hollywood sobre este escândalozinho, quando outro estalou...

A linda vedeta, com efeito, não se mostrou indiferente ao encanto pessoal de Leslie Howard e segundo parece os dois estão de tal forma entusiasmados que se fala já num próximo casamento...

O caso é que Leslie tem uma mulher linda e tão católica que não quer divorciar-se de seu marido.

Merle Oberon é uma pequena que não desanima às primeiras dificuldades e assim declarou que podem continuar a ser felizes sem dar o desgosto a Mrs. Leslie Howard.

E os três intérpretes desta comédia-zinha sentimental estão encaulados, ao que parece, com a solução encontrada.

Por que não vêm a Portugal os filmes brasileiros ?

A entrevista que Lodya Silva concedeu a «Cine-Jornal», e que inserimos no nosso número transaccado, veio, mais uma vez, dar oportunidade a breves considerações sobre o cinema brasileiro e suas relações com Portugal.

O cinema no Brasil tem caminhado quasi com taídas hesitações e vicissitudes como o nosso. Só há pouco, lá como cá, se começou a estudar seriamente o problema do cinema nacional, mina de ouro ajuda por explorar, mas país vastíssimo, onde o gosto pelo espectáculo cinematográfico se encontra particularmente vulgarizado.

Só há pouco, dissemos, se começou no Brasil a trilhar o bom caminho. Há estúdios já, modestos é certo, e dois filmes realizados, dignos, ao que parece, de transporem fronteiras. «Altô... Altô... Rio» e «Noites Cariocas» são já produções aceitáveis, com os defeitos próprios da pouca experiência, mas com qualidades que os não envergonham num confronto com muitos outros...

Ora, parece-nos um contra-senso, não vermos nas nossas salas os filmes realizados em terras de Santa Cruz, pois mesmo que fossem «maus» leriam para as platéas portuguesas outros encontros, que não têm certas produções francesas e americanas, que por aí nos impingem, e que são desiludidas em absoluto de qualidades artísticas e espectaculares.

Se não se tratar de dramas, cremos que o socorro brasileiro não prejudicará o filme ante as platéas portugue-

sas. É exceptuamos os dramas, porque há certas expressões, certos meandros de dizer que poderiam provocar, no público, reacções contrárias àquelas que a índole do filme justificaria.

De contrário, cremos que as platéas portuguesas receberiam bem as produções brasileiras e lhe perdoariam mais facilmente os defeitos técnicos que possam ter, uma vez que lhes será possível seguir todo o diálogo e compreender integralmente o espectáculo, que constituem.

O êxito de «Voando para o Rio de Janeiro» é flagrante e deve-se, em grande parte, ao interesse do público português por tudo que lhe evoque as paisagens, os ritmos e as coisas do Brasil.

Não se alegue que a intromissão dos filmes brasileiros no nosso mercado possa vir a prejudicar o cinema nacional. Ambos têm o seu lugar, e, embora falados na mesma língua, podem e devem caminhar, lado a lado, sem emulções barristas, antes procurando, numa colaboração íntima, conquistar mutuamente os dois países, alargar a sua expansão, na medida do possível.

Por todos estes motivos, se nos afigura um contra-senso a ausência dos filmes brasileiros nas nossas salas e fazemos votos por que um distribuidor arrojado se lembre de os revelar aos portugueses, que não podem deixar de receber com agrado e com interesse semelhante iniciativa.

FERNANDO FRAGOSO

Filmes da semana

A Mascarada — Um filme admirável, que honra o cinema europeu. Como obra-cinematográfica impõe-se em todo o mundo! Como espectáculo, tem um interesse constante, da primeira à última cena. Argumento engenhoso e originalíssimo, realização perfeita e montagem certíssima. É um filme de Wily Forst, o autor da *Sinfonia Incompleta*, interpretado por Paula Wessely (uma revelação para o nosso público), Adolfo Wolfbrück e a veterana Olga Tschekowa.

(Distribuído pela «Sonoro-Filmes» e estreado no Tivoli).

O Conde de Monte Cristo — Nova versão do famoso romance de Dumas, posta em cena com brilho e grandiosidade. Os que conhecem o livro encontrarão algumas alterações, às vezes profundas, na sequência dos episódios ou na interpretação das figuras. Mas em nada afectam o interesse do filme, que Elissa Landi e Robert Donat interpretaram. A realização é de Rowland V. Lee. (Distribuído pela Sonoro-Filme e estreado no Palácio e Odéon).

Uma noite em Monte Carlo — Uma comédia simpática que tem acima de todos os outros o merito de nos trazer novamente Lilian Harvey, que tão arredada tem andado das nossas salas. Lilian, se bem que esteja longe dos seus tempos áureos, continua a ser a mesma rapariguinha encantadora e a artista correcta de sempre. A seu lado, Tulio Carminatti, que vimos em *Uma Noite de Amor*. A acção decorre em Monte Carlo, no cenário agradável e frívolo que convém aos filmes da graciosa estrelinha alemã. (Distribuição da S. U. S. Filme estreado no Politeama).

Justiça dos Homens — Uma novela policial com Marion Mixon. A história duma rapariga perseguida por dois detectives, que a olham de forma diferente. Um julga-a uma criminosa. Outro, pretende reabilitá-la aos olhos dos que a condenam. (Filme distribuído pela S. U. S., e estreado no Politeama).



O pequeno Freddy Bartholomew, o filho de Greta Garbo... em «Ana Karenina», está claro!



Dois personagens célebres: Pirandello e Walter Disney, em Hollywood

Tal pai, tal filho?

A profissão dos pais influi na vida dos filhos?

A primeira vista, parece que sim. Mas, se nos reportarmos aos factos, e analisarmos a ascendência das «vedetas» de Hollywood, chegaremos a conclusões diversas.

Assim, por exemplo, os pais de Norma Shearer, Jeanette MacDonald, Clark Gable, Edna May Oliver, Francis Langford e Robert Young eram empreiteiros de obras.

Entre os filhos de médicos, figuram Elisabeth Allan, Charles Butterworth, Luise Henry e Robert Taylor.

Greta Garbo e Luise Rainer pertencem a famílias de negociantes.

O pai do popular Wallace Beery era guarda florestal, e o de Brian Aherne, arquitecto. Os de Rosalind Russell e Bruce Cabot, advogados.

O progenitor de William Powell era guarda-livros, e o de Spencer Tracy, gerente duma fábrica de automóveis.

Virginia Bruce é filha de um agente de Companhia de Seguros.

Se a profissão paterna influísse na sua, Nelson Eddy deveria ter sido inventor em vez de cantor. Seu pai é um inventor muito conhecido.

Joan Crawford é um exemplo, até certo ponto, da excepção à regra. O pai da famosa «estrela» era proprietário dum teatro, e actor de certa nomeada.

É, como excepções, que não deixam lugar a dúvidas, temos ainda Constance Bennett, Chester Morris, Jean Hersholt, Lionel Barrymore e Constante Collier, que nasceram e cresceram, por assim dizer, entre os bastidores.

Os filmes portugueses e a exposição de Bruxelas

Recordamos dum jornal francês, e da correspondência do seu enviado a Bruxelas, o seguinte período:

«Causou muito estranhamento no Festival de Filmes Internacionais, aqui inaugurado, a ausência de filmes feitos nos países de línguas Portuguesa e Espanhola, pois quasi todos os países produtores concorreram com as suas melhores obras, sem se intimidarem com os méritos das grandes produções americanas.

«Também foi muito comentado o facto da Austria, a Alemanha, o Japão e a Checo-Eslaváquia terem apresentado os seus filmes com carácter oficial, isto é, sob os auspícios de seus respectivos governos, ao passo que os produtores dos Estados Unidos, Inglaterra, Bélgica, França, Holanda, Hungria e Suécia os apresentaram individualmente.

Não deixa de ter graça esta estranheza pela ausência dos nossos filmes... O cinema português é uma criança ainda, e os nossos amigos de Bruxelas parecem desconhecer o sábio ditado: «cresçam e apareçam»...

As vedetas que dão mais dinheiro e os filmes mais comerciais

Mais uma estatística, mas esta edificante. Por ela se vê que nem todos os filmes são minas de ouro, e que nem todas as vedetas são comerciais.

Janel Gaynor figura à cabeça. Aparece-nos com o título da «vedeta que dá mais dinheiro», o que não deixa de ser curioso. Sete dos seus filmes deram lucros superiores a um milhão de dólares.

Harold Lloyd figura, em segundo lugar, com cinco filmes nas mesmas circunstâncias.

Charlie Chaplin, Rodolfo Valentino e Warner Baxter aparecem com três filmes, que deram o lucro da tabela.

Edmund Lowe tem quatro filmes com o milhão de dólares de lucros, mas, em dois deles, é «co-star» de Victor Mac Laglen.

Com dois filmes, figuram: Richard Barthelmess, Wallace Beery, Lon Chaney, Ronald Colman, Bebe Daniels, Dolores del Rio, Richard Dix, Marie

Dressler, Greta Garbo, John Gilbert, Lilian Gish, Al Johnson, Ruby Keller, Dick Powell, Will Rogers, Norma Talmadge e Maë Wast.

Com um filme apenas: Mary Pickford, Douglas Fairbanks, Katharine Hepburn e Constance Bennett.

Com grande surpresa nossa, Joan Crawford, Marlène Dietrich, Norma Shearer, Eddie Cantor, Clark Gable e Jean Harlow não figuram na lista.

Entre os filmes que mais dinheiro deram aos seus produtores contam-se os seguintes: *O Loco Cantor*, 3.000.000 de dólares; *Os Quatro Cavaleiros de Apocalipse*, 4.500.000; *Ben-Hur*, 4.000.000; *A Grande Parada*, O nascimento duma nação, *Cavalgada e O cantor do jazz*, 3.500.000 dólares.

Os actores cuidam também da sua linha

Em Hollywood, há um bom número de actores que estão seriamente preocupados com a sua «linha». Engordaram em demasia e agora pretendem «recuperar» a magreza perdida...

Assim, Bing Crosby, todas as manhãs, pedala furiosamente nas ruas alcatroadas da Cidade do Filme.

William C. Fields, a quem chama-

vam lá o «Pai West», recorreu aos bons officios dum maçagista e Jack Oakie faz uma autêntica greve da fome, para emagrecer.

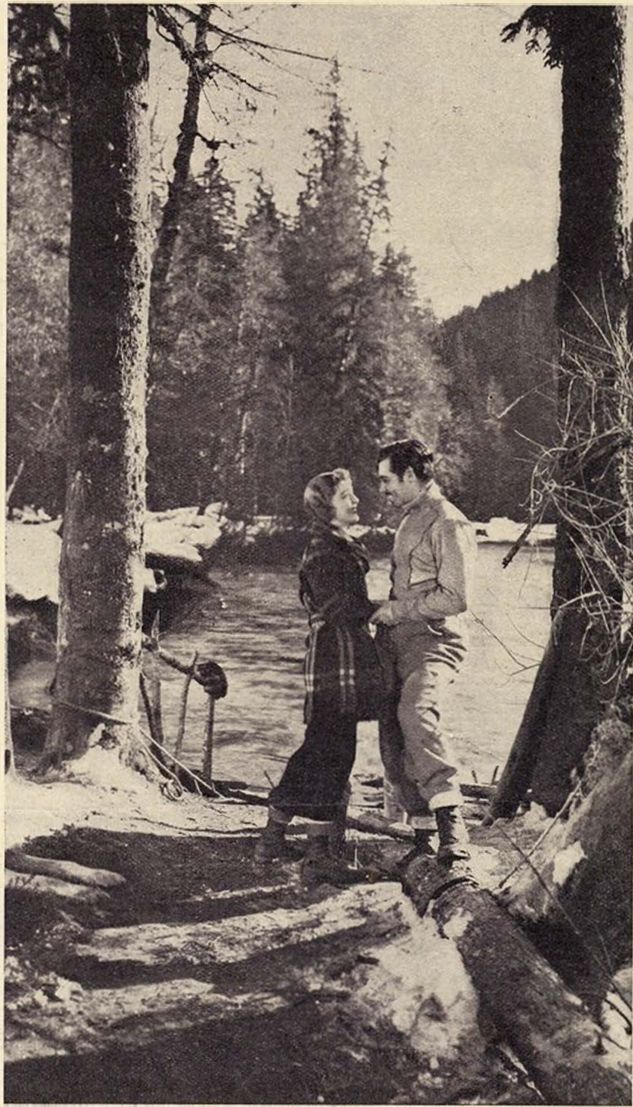
Segundo dizem as más línguas, Frederick March, durante a filmagem de *Ana Karenine*, alimentava-se apenas duma sopa e dum copo de leite, fazendo assim companhia a Greta Garbo que, dada a sua «assuladora gordura» limitava-se a engulir um copo de leite por dia...

Uma probabilidade contra um milhão de triunfar em Hollywood

Hollywood não é avara em experimentar artistas. Deixa-os fazer uns «testes» com facilidade, dá-lhes pequenos papéis, etc. Mas poucos conseguem impor o seu talento a julgar pelas estatísticas que compilámos.

Vejamos as que se referem aos primeiros seis meses de 1935:

Fox	485	0
Século XX	425	22
Columbia	96	17
R. K. O.	12	0
M. G. M. (em Hollywood)	485	6
M. G. M. (em Nova-York)	67	2
M. G. M. (em Londres)...	43	1



Clark Gable e Loretta Young, no cenário magnífico de Call of the wild



Devemos frizar que não se trata de principiantes mas sim de profissionais que queriam tentar a sorte em mais largos vãos...

ROCHELLE HUDSON é uma vítima da inveja

Rochelle Hudson, aquela graciosa boneca, toda ternura e simplicidade, é uma vítima da inveja. Apesar da sua vida despreocupada que toda a gente de Hollywood conhece, uma vida onde nem sequer há uma pontinha de escândalo, as outras mulheres, por inveja, não a toleram e acusam-na de, com aquela carinha de anjo e um sorriso muito especial, conquistar todos os homens. Mas isto de atrair os homens com muita facilidade tem, segundo elas dizem, as suas complicações e, por isso mesmo, Rochelle, não tem uma única amiga.

Ainda na sua cidade natal, Oklahoma, quando tinha só treze anos, viu fugir a única amizade que possuía, porque o noivo da sua maior amiga se apaixonou por ela. Talvez por isto mesmo, sua mãe, Leonore Hudson, veio viver para Van Nuys, perto da cidade do cinema.

Um dia Frank Borzage experimentou as suas aptidões para «vedeta» da tela. Experimentou e gostou. Contrataram-na... Mas não chegou a fazer filmes. E as outras, que se nutravam a trabalhar para receber os honorários, moveram-lhe uma campanha terrível. Depois, William De Baron deu-lhe outro contrato e, finalmente, filmou. Logo no seu primeiro trabalho, «Laugh and Get Rich», fez sucesso. Nessa altura, as «comedoras» de Hollywood, quiseram-na a rebaixar com um escândalo. Impossível: Rochelle vive só com a mãe, não se importa com os «astro», não se importa com os filmes dos outros, não se importa com a «má língua» — e as «comedoras» desistiram.

Há coisas de dois anos. Johnny Weissmuller, o herói de «Tarzan», foi para as praias da Califórnia ensinar às «estrelas» a técnica do «crauli».

Rochelle, que é uma amante fervorosa das ondas e do ar iodado das praias, foi logo considerada a melhor discípula do grande nadador, pois, em tudo que dissesse respeito à natação, dava lições às outras.

Novas invejas... Novas maledicências...

No entanto, Rochelle não se importa e, sempre alheia ao que dela dizem, naquela cidade que encerra mundos, onde triunfar é uma excepção, continua a impor-se como um alto valor.

Ultimamente, novas invejas a têm cercado, porque Rochelle, que corta e planica os seus vestidos, se tornou uma das ditadoras da moda. Não devemos, porém, estranhar, porque em questões de modas as mulheres, mesmo sem serem de Hollywood, têm todas inveja umas das outras.

FERNANDO GARCIA

Difícil de imitar

A mulher de Richard Dix acaba de enriquecer o lar do popular artista com um casal de gémeos formosíssimos. Bing Crosby felicitou o seu camarada nos seguintes termos:

«Querido Rich: Sempre que um tipo se lembra de dar nas vistas em Hollywood tem logo dezenas de imitadores. Mil parabéns e felicito-te por te poderes orgulhar de possuíres semelhante tesouro, e que, para mais, é um pouco difícil de imitar»

Crônica da Semana



Jean Harlow

é uma rapariga farraca e engraçada. Ela, que é o tipo da «vamp»-nata que quer ser, na tela, uma ingênua, segundo o que declarou recentemente a um jornalista americano. Perguntava-se: Alguém a admitiria, num filme, com olhares castos, de terço na mão, a implorar do Altíssimo, antes de se deitar, o perdão para os pecadores?...

Há pessoas que trazem, na face, os estigmas da alma. Por mais que façam não podem lutar contra eles, contra a impressão que nos outros deixam, errônea ou não, acerca da sua maneira de ser. Jean Harlow, com o seu corpo de linhas colcantes e «afredadas», com a sua cara onde brilha um sorriso sensual e aliciante — é o tipo da amorosa profissional, que sabe pôr, ao serviço dos seus interesses, os primores da graça e da beleza, com que a Natureza a dotou.

Por mais de uma vez tem sido exposta, em revistas da especialidade, a opinião de que o público frequentador de cinemas deve manifestar a satisfação ou o aborrecimento que o espectáculo lhe causa. Apresentam-se, sobre o assunto, vários alvires e sugestões e enumeraram-se as vantagens que adviriam de tal atitude.



O público continuou, porém, a mostrar-se impassível, reservado, mais silencioso do que um filme de Charlot.

E esta unanimidade de vistas, dos espectadores ante a questão, não resultava de qualquer combinação prévia, nem era voto da assembleia geral, propositadamente convocada para esse fim.

Ora quando um costume é seguido sem que haja leis ou regulamentos que o ditem, e antes está no espírito de toda a gente, é de crer que o senso-comum não anda longe.

Sem a pretensão de escrever a última palavra acerca do caso, analisemos sumariamente as vantagens e os

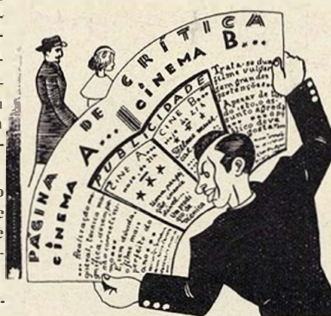
suas predilecções? E mais: não se comete uma injustiça não aplaudindo um artista que por estar arredado de nós com léguas, não deixou por isso de nos emocionar? E porque não havemos de condenar estrondosamente os distates, as faltas de gosto, as grosserias, para que se não repitam?

Vejamos o reverso da medalha. O público gostou ou não de um dado espectáculo?

Não é preciso ler nenhum tratado de psicologia para concluir. A bilheteira, nos dias seguintes, fará falar a esfinge...

A publicidade, está claro, representa o seu papel, o qual deve consistir em pôr em destaque as razões que assistem, dentro da relatividade dos juízos, a esta ou àquela produção, para vir a constituir um êxito, sem cair no exagêro de classificar um filme o maior sucesso da temporada, quando até ao lavar dos céstos é vindima...

A opinião desinteressada dum amigo vale mais. O verdadeiro réclamo é feito amavelmente, sem se levar nada por



isso, ao telefone, à mesa do chá ou num encontro fortuito na rua.

E há, evidentemente, a crítica profissional que, se às vezes peca, é por benevolência, sem contudo deixar de fazer transparecer nas entrelinhas o que é preciso dizer...

E, depois, como distinguir se os aplausos ou a pateada se dirigem ao realizador, ao autor do argumento ou aos intérpretes? Teríamos que bradar: Lubitsch! Lubitsch!, com o homem do lado de lá do Atlântico, o que era mais que bradar no deserto, e neste país, onde o sentido do ridículo anda tão apurado, ninguém se atreveria a nadar em tal maré de entusiasmo.

Além de que, enquanto o admirador da Claudette Colbert se batia por sua dama, aplaudindo freneticamente, o seu vizinho «do lado» marcava compasso com os pés no chão, porque o argu-

mento era fresco demais para este outono já agreste. E estão daí a ver a série de conflitos que assim não se originariam, com este respeito que nós temos pela opinião dos outros... que estão de acordo conosco.

Qual não foi o meu espanto quando, no dia da estreia do «Voando para o Rio», encontrando uma pessoa conhecida à saída do São Luiz, ela me disse que o público se tinha manifestado! Quebrara-se a tradição.

Mas não mostrei a minha admiração; lembro-me que justifiquei até o súbito entusiasmo que a Ginger Rogers e o Fred Astaire tinham despertado...

Decididamente caía de surpresa em surpresa: Realmente — retorquiram-me — a Ginger Rogers mimou um *blue* de tal maneira que se adivinhava nos seus gestos, nos trejeitos da cara, toda a América, isto é, o Roosevelt, a estátua da Liberdade, o Babbit e o «chewing-gum», Broadway e as docas. O Fred Astaire dançava também estupidamente. Mas quem afinal tinha recebido as palmas fora... o Negus.

Fiquei estarrecido.

Ao vê-lo nas revistas, de capa e capote colonial, com aquela vaga expressão de hipnotizado que têm os reis «made in England», nunca o suposera tão fotogénico.

E puz-me logo a profetizar o declínio inevitável e desconsolador do



inconvenientes da prática que fôra preconizada.

Dizia-se: as plateias são a grande esfinge das empresas. Como conhecer as



único astro que até hoje subira apenas pelos seus próprios méritos. Meu pobre Rato Mickey!

ANTONIO DE CARVALHO NUNES

Quando esta entrevista vier a lume, é natural que Charles Boyer, a bordo do «Normandie», demande novamente a América, para cumprir um contrato em Hollywood, a metrópole do cinema, que ele tão bem define nas linhas que damos abaixo.

Boyer é a simpatia em pessoa, duma simplicidade pouco vulgar entre os astros da tela. A sua cultura esmerada deve influir na sua maneira de ser.

Estão a filmar-se as últimas cenas de *Meyerling*, sob a direcção do grande cineasta Anatol Litwak.

Aguardamos uns momentos, e num dos intervalos, Boyer, com um sorriso, põe-nos à vontade:

— Desculpe-me de tê-lo feito esperar. Mas nada perdeu, porque posso conversar consigo com mais vagar.

A sua voz, na vida real, é a mesma que o celebrou no mundo do cinema e da tela. Grave, profunda, máscula e bem articulada.

Onde se fala de Portugal...

— Tenho pena de não conhecer Portugal — diz-nos! É um dos países que mais desejo visitar, e está previsto no itinerário da viagem ideal que tenciono fazer, logo que disponha de tempo para tanto.

E numa transição:
— A carreira dum actor, salvo raríssimas excepções, não dura mais de dez anos. O êxito é de todos os bens deste mundo, o mais efêmero. É o amor do público, da multidão. É já tão difícil saber merecer o amor duma só pessoa...

«Quando chegar a hora do declínio, re-

cebê-lo-ei sem desânimo nem recriminações. Poderá, então, viver para mim, segundo os meus gostos, e o Charles Boyer-homem beneficiará, então, do bem-estar que o Charles Boyer-actor lhe pode proporcionar.

«Nesse dia, farei aquilo que toda a gente sonha: a volta ao mundo, com uma escala magnífica na Madeira, paradisíaca e cheia de sol.

Impressões de Hollywood

Engatilhamos uma pergunta:
— Gosta mais de filmar na América ou em França?

Charles Boyer fuma com aquele ar longínquo e sonhador que tantas vezes lhe temos visto na tela, e responde-nos:

— Consegui dividir a minha vida e a minha actividade entre Hollywood e Paris, porque, sob o ponto de vista artístico, estas duas cidades se completam.

«Filmar em Hollywood é beneficiar duma técnica perfeita, de grandes ordenados, e duma publicidade formidável. E ter, também, parceiras famosas, como Katherine Hepburn, Marlene Dietrich e Claudette Colbert.

«Mas Hollywood vive sob o signo do cinema. Não se fala noutra coisa, lá, que não seja de cinema. Vive-se do cinema e para o cinema. E não há contacto algum com a vida exterior.

«E é por êsses motivos que quero, pelo menos, seis meses no ano, viver e trabalhar em Paris, que continua a ser a capital intelectual e artística do mundo».

«Quero conhecer Portugal!»

Arriscamos outra pergunta:

— No teatro, qual foi o seu papel favorito?

— O primeiro de responsabilidade que interpretei — respondeu, sem vacilar, Charles Boyer.

E explicou:
«Foi em 1925, numa peça de Bernstein: *A Galeria dos Espelhos*, no Ginásio. E pos-

tela, visto o artista estar à mercê do realizador e das mil e uma exigências técnicas.

«Mas o cinema consegue dar aos assuntos que foca, outra amplitude. Graças a êle, temos mais influência sobre os espetadores, e os papéis têm um efeito maior, mais duradouro também.

«O Teatro e o Cinema oferecem ao actor possibilidades diferentes, mas igualmente ten-



declarou CHARLES

BOYER



sível que, por haver sido o meu primeiro êxito, a valer, eu conserve ainda a grata recordação desse papel. De resto era interessantíssimo. Encarnava a figura dum pintor atormentado por dúvidas e escrúpulos, que outros não compreendiam. E as personagens com estas características, os «inquiéticos», são os papéis que prefiro.

Os papéis favoritos...

E depois duma breve pausa:

— Em *Meyerling*, Rodolfo é precisamente um «inquiético», vergado ao peso duma tremenda hereditariedade. É uma figura que me é familiar. Não só porque há cinco anos desempenhei, no tablado, a figura do arquiduque da Áustria, como também, porque sempre me interessei apaixonadamente pelo destino trágico deste príncipe. Muito antes de saber que teria de o reviver na tela, li quasi todos os livros que focaram a sua vida e a sua morte.

«Sinto-me radiante por encarnar, embora fúgidamente, esta ideal personagem romanesca.

Teatro e cinema

A conversa deriva, insensivelmente, para outro plano. Fala-se agora, referindo-nos ao actor, à técnica cinematográfica e teatral. E a pergunta surge, naturalmente:

— Prefere o palco ou a tela?

E Boyer, com aquela admirável facilidade de expressão, precisa:

— Antes de pensar no cinema, já adorava o teatro. Foi, graças ao teatro, que me tornei actor de cinema. Foi no teatro que registei os meus primeiros êxitos, as primeiras alegrias da minha carreira artística.

«As criações teatrais são mais nossas, mais pessoais, do que aquelas que exibimos na

tadoras. E é por êsse motivo que, antes de ser obrigado a decidir-me, vou dividindo a minha actividade pelo palco e pela tela».

Um amor de rapariga...

Danièle Darrieux passa por nós. Olhamos, com um sorriso, E Charles Boyer não resiste à tentação de lhe dedicar algumas palavras entusiastas que Pat Patterson (M.^{me} Charles Boyer), não gostaria de ouvir, se fosse ciumenta como qualquer portuguesa que se preza:

— Desde o momento em que soube que ia filmar *Meyerling*, pensei imediatamente em Danièle Darrieux, pois vi nela a intérprete ideal do papel encantador de Maria Vetséra.

«Em primeiro lugar, porque tem a idade de Maria, êsses desassete anos, frágeis e ingênuos, que envolvem a heroína de *Meyerling* numa aura de pureza e de sonho. Além disso, tem a face luminosa e doce, a graça, a silhueta delicada de boneca, — que eram condições essenciais para o bom desempenho do papel da jovem baroneza. E a coroar todas estas qualidades, Danièle Darrieux, a despeito da sua idade, tem um talento admirável, que se amolda facilmente às personagens que vive, instintivo, o que lhe permite traduzir, rapidamente, todas as paixões, sentimentos e «nuances» do seu temperamento e da sua alma. Se fôr bem aproveitada, se a quierem, se lhe derem oportunidades, creio que Danièle Darrieux será uma das grandes «vedetas» de amanhã!

Boyer é requisitado por Litwak. Vai-se filmar uma cena. A música toca. No «plateau», Charles Boyer e Danièle Darrieux mimam uma cena de amor... A orquestra toca. É um solo de violino. No cenário, sumptuoso, as duas figuras erguem, nos corações, um cântico de amor.

PEQUITO.

(Exclusivo para «Cine-Journal»).

na sensacional entrevista que concedeu ao redactor de «CINE-JORNAL», em Paris.

O GRAVE PROBLEMA DOS FILMES COLONIAIS

Cine-Jornal, por meu intermédio, pretende levar à frente uma campanha de feição colonial e cinematográfica, já iniciada e secundada com êxito por algumas individualidades em destaque. Isso anima-nos a prosseguir.

No artigo, publicado no nosso número anterior, referi-me, embora por alto, à necessária orientação a dar, por parte do Estado, aos documentários e filmes coloniais. Esbocei, também vagamente, a maneira de firmar essa orientação e sugeri a elaboração de um programa a impôr nos produtores.

Ora um dos aspectos de mais vivo interesse a cuidar nos filmes coloniais, quer como elemento de propaganda, quer como matéria de estudo, é, fora de dúvida, o da Etnografia dos povos sob a nossa soberania. Foi nesse intuito que me decidi a procurar o senhor Comandante Lopo Vaz, cuja extrema amabilidade me permitiu obter as primeiras noções, as linhas basilares, para a orientação daquele aspecto do problema.

Dispensa qualquer apresentação o eminente professor da Escola Superior Colonial, uma das figuras mais em destaque no nosso meio, tanto pelo extraordinário mérito de homem de ação nas campanhas ultramarinas, como pelo seu valor e autoridade em assuntos de natureza colonial.

* * *

O sábio professor escuta-me atentamente, enquanto exponho o assunto. Noto, através da sua fisionomia, o interesse que lhe desperta a minha ideia e adivinho que vai dizer-me coisas importantes dignas de registro.

O que até agora se tem feito é «péssimo»

Sem me dar tempo a fazer qualquer pergunta o meu ilustre interlocutor vem em meu auxílio, adivinhando-me os pensamentos:

— «Sou da mesma opinião quanto à qualidade dos documentários coloniais até agora apresentados entre nós: não lhes posso chamar inferiores porque, infelizmente, nem sequer há um termo de comparação para o fazer; assim, embora me custe dizê-lo, para os qualificar, não tenho outro remédio senão chamá-los «péssimos». Até os filmes exibidos nos meios escolares são manifestamente maus. Mesmo os de feição geográfica.

É indispensável e urgente uma orientação

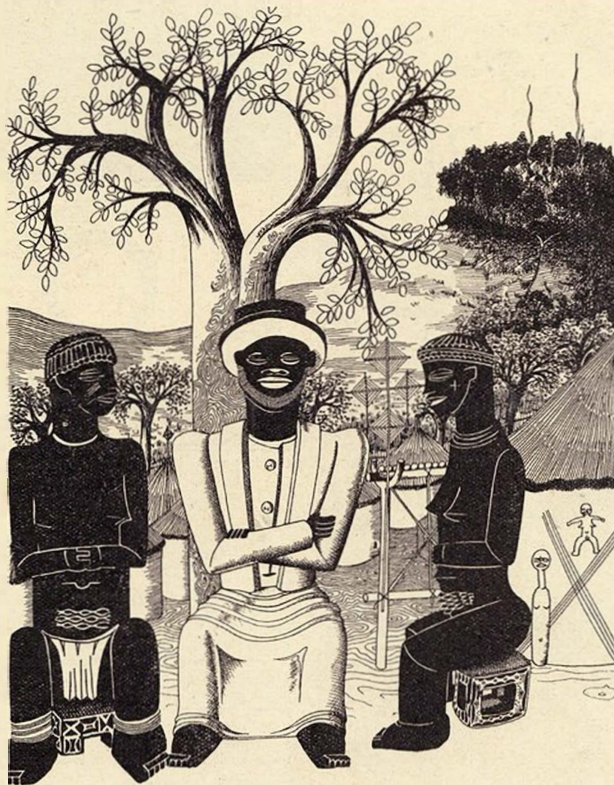
— Quanto à orientação...

— É um problema instantâneo e que merece uma solução rápida. Já me não refiro às instituições de censura, porque essas, ainda infelizmente, pouco mais fariam do que reprovar, se não adotarmos antes medidas tendentes a melhorar a qualidade dos filmes. E compreende-se: a factura de bons documentários coloniais é uma tarefa melindrosa e difícil que não poderá desempenhar-se cabalmente enquanto se não perfilhar uma orientação segura e precisa, fixada por uma disposição de lei. Diga-se em abono da verdade que o erro não é só nosso; lá fora, também falham as produções congêneres. Vi, aqui há dias, um filme, cuja acção se desenrola no Oriente, e onde se explora uma festa chinesa, destituída de qualquer interesse documental, de certo produto híbrido da imaginação «yankee» e da falta de escrúpulos dos realizadores.

Ao fazer-se o programa de orientação deve-se preferir um trabalho completo que sirva também de elemento de consulta.

— É, portanto de opinião de que se organize um diploma orientador?

— Sem dúvida. E digo-lhe mais: é da máxima conveniência ter em conta a falta de cultura dos produtores; por isso, ao fazer-se o programa de orientação, deve-se preferir um trabalho detalhado que sirva também de elemento de consulta. Já não basta indicar linhas gerais. Deve-se ir mais além e, assim, apresentar resumos de cada um dos aspectos do vasto assunto colonial. Não



sendo assim, corre-se o risco de vêr por terra todo o esforço de orientação.

O sr. Comandante Lopo Vaz tem uma maneira suave, mas precisa, de expor, e está absolutamente integrado na minha ideia. Escuto-o, portanto, encantado e sem o interromper. A entrevista falece, sem eu sentir, para dar lugar a uma verdadeira palestra educativa do meu eminente entrevistado.

Temos, nas nossas colônias, fontes inesgotáveis, para bons filmes, de grande efeito espectacular

— O interesse do documentário colonial como elemento de estudo e propaganda ficará garantido, embora apenas

se registem elementos da etnografia dos povos. Já não quero referir-me tão somente aos caracteres somáticos de cada tribo ou clan — já de si mais do que suficientes para justificar um documentário. Também os caracteres étnicos, propriamente ditos, interessam de sobremaneira.

Filmes desta natureza são dum preço inestimável. Interessam ao estudioso, porque elucidam tanto, ou mais, do que um compêndio, e interessam ao público, em geral, porque há, na vida dos indígenas das nossas colônias, usos e costumes que constituem espectáculos inéditos, de invulgar efeito e beleza. A diversidade de costumes dos tempos, por exemplo, permite ao realizador avisado e culto, obter, num curto espaço de tempo e numa área restrita, elementos que bastem e sobejem para um filme extraordinário. E, voltando às festas do Oriente — de que, como disse, vi, há dias, uma extravagante fantasia cinematográfica. — a festa do fim de ano, em Macau, é digna, não de um documentário apenas, mas de um filme sério, tal é a originalidade e grandeza desse espectáculo, que jamais esqueça a quem o viu algum dia. E, no entanto, é dos assuntos que melhor localiza a maneira de ser dos naturais de Macau.

significantes, cujo valor é indiscutível. Daí a necessidade de se cuidar minuciosamente dos programas de orientação.

Outros aspectos do assunto

— Fora do aspecto etnológico?...

— Fora do aspecto etnológico, há muitos outros de não inferior importância. Para muitos dêles, é também fácil organizarem-se programas. Outros, porém, são mais difíceis retratar, exigindo, por isso, mais cuidado e maior preparação, tanto da parte do organizador do programa, como do lado do realizador cinematográfico. Está neste caso o aspecto económico. A vida económica das nossas colônias varia grandemente de uma para outras e, até, de região para região, dentro de cada uma. Daí a impossibilidade de imprimir uma única orientação e a dificuldade de elaborar programas. O assunto é tão espinhoso que poucos se podem gabar de o conhecer em toda a plenitude.

Não há muito tempo, S. Ex.^a o sr. dr. Armindo Monteiro, durante a sua gestão da pasta das colônias, me dizia, enquadado na sua modestia: «tenho lucrado muito com o auxílio de colaboradores competentes, em quasi todas as matérias coloniais; no entanto, em questões de economia, não encontrei quem me ajudasse, embora eu pouco saiba.»

— Não concorda em que o Estado poderia, por sua iniciativa, mandar executar alguns desses filmes?...

— Absolutamente. Seria até um dever, além do que esses documentários serviriam de exemplo, de padrão.

E a seguir:

— Está claro que essa comparticipação do Estado seria, forçosamente, limitada. Sou contra os grandes empreendimentos. Em geral, dão maus resultados. Ao passo que os empreendimentos modestos, ainda no caso de falharem, poucos prejuízos trazem à Nação. Em suma: Ao Estado deve caber parte, embora limitada, mas exemplar, na feitura desses filmes, não só auxiliando os produtores, como ainda enviando às colônias missões cinematográficas especiais.

* * *

A entrevista terminou aqui. Continuá-la, seria abusar da gentileza do eminente professor catedrático da Escola Superior Colonial. Além disso, S. Ex.^a, em poucas palavras, soube examinar inteligentemente o assunto, por forma a dispensar pormenorizações.

Foi com respeito e admiração que me despedi do insigne professor; respeito, pelo seu brilhante passado de combatente nas campanhas de ocupação e noutras missões de responsabilidade; admiração, pela sua extraordinária cultura colonial que me leva a olhá-lo como exemplo e incentivo.

Seria tão louvável que nós, os portugueses, tivéssemos sempre presentes estes exemplos, a grandiosidade do nosso Império Colonial e a necessidade de o conhecer e aproveitar convenientemente...

RAÚL FARIA DA FONSECA

(Desenho do autor)

Como devem ser fixados os caracteres somáticos e étnicos das populações indígenas coloniais e o valor destes documentários

O sr. professor Lopo Vaz esclarece ainda o extraordinário valor que têm os filmes documentais quando focam os elementos somáticos e étnicos das populações. Passa em revista uma série de elementos indispensáveis à boa documentação do folclore colonial e define pormenores preciosos.

— Devia até recomendar-se ao realizador que procurasse fotografar os indígenas, tanto de frente como de perfil, segundo ângulos especiais; isto que, assim exposto, parece nada valer, tem um alto interesse para se localizarem bem os elementos somáticos. De resto, há pequenas coisas, à primeira vista in-

«Filmes desta natureza são dum preço inestimável. Interessam ao estudioso porque elucidam tanto ou mais que um compêndio, e interessam ao público, em geral, porque há, na vida dos indígenas das nossas colônias, usos e costumes que constituem espectáculos inéditos de invulgar efeito e beleza».

Afirma o ilustre professor de Política indígena e Etnografia da Escola Superior Colonial, Comandante Lopo Vaz de Sampaio e Melo.

SE tivesse um filho ou uma filha, em idade de se iniciarem nos mistérios do amor, gostaria que vissem alguns filmes estrangeiros para que se pudessem familiarizar com as reacções amorosas das diversas raças humanas.

Não me refiro, evidentemente, aos documentários, que descrevem, por exemplo, os usos e costumes dos povos da Polinésia, porque não é absolutamente preciso que um rapaz do liceu saiba que indígenas da ilha Boko esfregam os narizes e dão palmadinhas nas omoplatas, quando querem declarar o seu amor à mulher dos seus sonhos...

Por felicidade, é raro uma rapariga de Lons-le-Saunier desposar um Canaque, ou uma linda Bordelesa deixar-se raptar por um Zulu. Daí, o facto dum filme sobre o amor entre os Maheles ser dispensável à educação dos novos.

Já não sucede o mesmo quando se trata de conhecer a psicologia amorosa dos escandinavos, dos latinos, dos alemães ou dos anglo-saxões! Uma rapariga francesa pode casar com lord inglês ou com um comerciante de Cincinnati. Ora não há livro, manual ou tratado, que valha, para a educação dos neófitos, o mesmo que as cenas de amor dum filme americano, inglês, alemão ou escandinavo.

Não cito os filmes franceses porque nada ensinam à juventude de hoje, uma vez que qualquer semi-írmã ou qualquer Casanova de vinte anos podem dar lições ao mais distinto e erudito dos cineastas!...

* * *

Tomemos, como exemplo, uma cena de amor, num filme americano. Contém pormenores edificantes, que porão em guarda a rapariga francesa contra as decepções e as desilusões que lhe poderá acarretar um «flirt» com um americano.

Em primeiro lugar, verá que o lacerismo é a virtude principal do «yankee» enamorado. Suponho até, que a companhia dos cabos submarinos Western Union teve influência sobre a eloquência dos americanos apaixonados, afixando por toda a parte, em todas as cidades dos U. S. A., esta fór-

mula mágica: «Don't write, cable!» (Não escrevam — telegrafem!)

É evidente que se esta norma fôsse seguida no século de Luiz XIV, as cartas de Madame de Sévigné não iriam além de três fôlhas dactilografadas.

O americano é inimigo do palavreado, das lindas frases, dos períodos inflamados, de tudo aquilo que, em suma, embeleza e torna mais romântico o namôro.

* * *

Agora, uma cena de amor, tipicamente americana:

Kitty está à espera de Harry. Harry chega e não beija a mão de Kitty. Nunca se viu um cidadão americano beijar a mão duma senhora: é um gesto sem justificação, próprio das pessoas que têm tempo a perder.

Harry dá uma palmada nas costas de Kitty e diz:

«Hello, Kitty!... Contente de me ver?»

o amor e



peito do Big Boy, mesmo se o «calmeirão» for um «trinca-espinhas», e murmura:

«Will you marry me?» (Queres casar comigo?)

Julgam que o Big Boy, depois de tão concreta pergunta, vai declamar tiradas ardentes, para sublinhar a intensidade do seu amor? Enganam-se, redondamente. O Big Boy aconchega a cabeça de Kitty nos seus braços, dá-lhe uma palmada nas costas, e grita:

«Sure!» (Claro!)

E termina desta forma a cena de amor de Romeu e Julieta.

* * *

Era uma experiência engraçada, esta de traduzir, dos filmes americanos, palavra por palavra, as frases trocadas entre os dois amantes. O público europeu ficaria assombrado com o tom primitivo e rude destes diálogos amorosos. Nada de palavras supérfluas, de manifestações intempestivas. Discute-se menos um problema amoroso do que um contrato em Wall Street!

* * *

o cinema



Se Kitty é uma rapariga educada, responde lacónicamente:

«Yeah... Honey» (Sim... mel!)

Mas se é uma rapariga do povo, responde com um sorriso irónico:

«Says you!» (Tu lá sabes...)

Depois de duas ou três frases banais, Harry manifesta-se. Não julga que cai de joelhos em frente de Kitty. O beija-mão e a genuflexão são ritos de outros tempos e estariam tão deslocados num cenário americano, como uma caixa de rapé num ascensor ou uma «crinoline» num sub-way.

Harry agarra Kitty pelos ombros, abana-a ligeiramente da esquerda para a direita e da direita para a esquerda e declara, sempre lacónico:

«I think I love you, Kitty!» (Parece-me que gosto de si, Kitty!)

Kitty olha para Harry e responde:

«Oh! Big Boy!» (Oh! «calmeirão»...)

Deixem-me dizer-lhe que o Big-Boy fica tão bem na sala da casa dum milionário, como no quarto de Jenny, a costureira...

Quando uma americana, na tela, atira com um «Big-Boy» é sinal que as acções do pretendente sobem, na bolsa do seu coração.

Estimulado, então, por esta fórmula mágica, Harry prossegue:

«Oh! Gee! I'm found of you!» (Oh! miuda, morro por ti!)

Após tão romanesca confissão, Kitty cai-lhe nos braços e aconchega-se no

por

Maurice Dekobra

Gingerite



Depois de *Top Hat* o mal não tem remédio. E a gingerite ficará como uma doença crônica.

Ruiva e sardenta, a princípio

Tem um nome simbólico, a cidadezinha que a viu nascer. Chama-se Independência. É talvez por tal motivo é essa a característica dominante do seu temperamento. Ginger é também tranqüilamento audaciosa e pacientemente obstinada.

Quando era pequena, pensava já em tornar-se numa grande artista. Queria ter uma cara pálida, duma palidez de além-tímulo, emoldurada por uns cabelos negros como azeviche. Era romântico, bonito e possível, se a sua cara não fosse sardenta e os seus cabelos ruivos...

Há uma altura na vida em que as mulheres descreem de tudo, até de si próprias. Ginger, muito nova ainda, sentiu esse momento. Viu-se ao espelho. Achou-se feíssima e considerou, de si para si, que não tinha cara para ser estrela. E resolveu ser professora. Passou a usar óculos, vestidos de gola alta e ficou com o ar respeitável de «instituída», segundo o figurino habitual.

Campeã mundial de «Charleston»

A despeito desta vocação, alguém se convenceria de que Ginger nunca seria professora. Esse alguém lá tinha as suas razões. Conhecia-a de pequena. Era sua mãe, a senhora Leila Rogers.

Desde os dez anos, Ginger era objecto de especiais cuidados, daquela que lhe dera o ser. Sua mãe, com efeito, tratava-lhe da pele cuidadosamente e enviava-a a uma escola de bailados rítmicos, para lhe corrigir as linhas do corpo. Hoje Ginger Rogers é de todas as vedetas de Hollywood, a mais elegante e a que tem a mais linda pele!

Ginger tinha quinze anos. Preparava-se para os seus exames quando o «charleston»

invadiu o mundo. Estudava então na Universidade de Forth Worth, no Texas. Abandonou os teoremas e a filosofias, para se dedicar, dia e noite, a aprender o «charleston». Como professor, tinha um velho «clown» e, como tablado, um estrado desconjuntado.

Realizou-se um concurso de «charleston» entre todos os Estados da América do Norte. Ginger ganhou, sucessivamente, a taça da Independência, a do Texas e a do Torneio final. Com a glória do feito, apareceu-lhe o contrato de um mês para uma «tourné». Ganhava, então, 100 dólares por semana. Esta época da sua vida é evocada com algumas variantes em *Roberta*.

Nunca mais voltou ao colégio.

A caminho de Nova-York

Com o dinheiro que ganhou e algumas economias, partiu para Nova-York, com sua mãe. Iam ambas dispostas a tentar tudo, até o último centimo, para tornar Ginger numa vedeta.

O último centimo depressa se foi.

Mas as esperanças ficaram intactas.

Ginger percorreu todas aquelas «etapas» das raparigas que começam: «tournées» na provincia, aparições fugazes nos teatros de Broadway, papéis de figurante em Hollywood, e, marcando a distância entre estas diversas fases, longos e desanimadores compassos de espera.

Semanas e semanas, sustentadas a promessas e a perspectivas de hipotéticos contratos.

As sábias 'reflexões' de sua mãe!...

Leila Rogers, mãe, amiga, conselheira e «manager» de sua filha, declarou um dia: «Há certas reflexões das raparigas que são como as doenças das crianças. É bom tê-las, quanto mais cedo melhor, para se ficar des-

A Nova Epidemia Cinematográfica

TODOS os rapazes que conhecemos estão apaixonados por Ginger Rogers.

É uma autêntica epidemia.

Muitos deles sentiram os primeiros sintomas, quando viram a *Rua 42*. Aquela rapariguinha de monóculo pôs-lhes a cabeça à roda. E com três ou quatro frases que pronunciava durante os dois mil e tal metros da fita, salu, deliberadamente, da legião anónima das «extrás».

Lá fora, o mal agravou-se com *Gold Diggers of Broadway*. Três imagens fixaram-se na mente dos espectadores: a valsa, a «fêrie» dos violinos luminosos e o sorriso de Ginger. Esses lábios carnudos, húmidos, enchendo toda a tela num beijo — ficam como uma das imagens mais originais e mais ousadas que o cinema nos tem dado.

O mal agrava-se...

Desde então, o micróbio fez das suas. Foi longo o período da incubação. Entretanto, Ginger invadia as telas do globo. O título do filme mudava. O papel era sempre o mesmo. E, dessa forma, Ginger conseguiu o «record» de desempenhar 482 papéis de dançarina de «music-halls».

Passado tempo, Ginger tornou-se vedeta. O mal agravou-se. Os seus admiradores começaram a sentir febre. Enquanto revoludevam no ar os seus vestidos até aos pés e os seus cabelos loiros, a epidemia grassava. A «Alegre divorciada» foi promovida a rainha do mundo.

A gingerite estava na sua fase aguda.





novo idílio. E convenceu-se de que Ginger estava apaixonadíssima quando a surpreendeu com o «Manual da boa cozinheira» nas mãos.

Ginger e Lewis, entretanto, não se queriam casar. Mas uma senhora moralista soube desenvolver tal actividade que, a 13 de Novembro de 1934, na capelinha das Flores, em Glendale, um padre unia os destinos de Virginia Katherine Mac Math e Lewis Frederick Ayer, tais são os verdadeiros nomes das duas «vedetas».

Tudo correu, como se dum casamento burguês se tratasse... Houve bôda, flores de lazanjeira, punhados de arroz atirados aos noivos, etc. As «demoiselles d'honneur» deram nas vistas. Eram lindas e chamavam-se Janet Gaynor e Mary Brian.

Ginger e Joana d'Arc

Ginger Rogers é feliz. Tem uma fortuna enorme, um marido rico, uma mamã que vale quanto pesa, e uma casinha amorosa. É célebre.

Das suas ambições, resta-lhe realizar uma. Quere encarnar, na tela, a figura de Joana d'Arc.

Se alguém se mostra surpreendido, ela explica, um bocadinho melindrada:

— Porque não?! Joana d'Arc não era ruiva também?...

Querida Ginger!

S. C.

(Arranjo gráfico de RAUL)

Todos os Civis Estão Apaixonados Por

cansada... E aplicando este sábio preceito, deixou Ginger conduzir, a seu bel prazer, a sua caprichosa vida sentimental.

Aos dezasseis anos, Ginger casou com um dos seus camaradas de palco, que — bizzarra coincidência — se chamava Jack Pepper. A picante rapariga passou a ter, desde então, um nome que lhe ia a matar: Ginger, quere dizer gengibre, e Pepper, pimenta, ou sejam os dois condimentos da cozinha americana. E Ginger, com efeito, traz consigo, ainda hoje, um quê de saboroso e acidulado, que sabe bem...

Ginger divorcia-se!

Este primeiro casamento não foi auspicioso. Antes dos vinte anos, divorciou-se...

Precoce... Ginger foi sempre duma precocidade admirável.

Aos três meses, com efeito, foi raptada por um homem. Tratava-se de seu pai que, divorçado de Leila, não queria que a filha ficasse a viver com a mãe. Os tribunais intervieram e entregaram a criança à tutela materna.

A mãe, para a educar, foi, durante muito tempo, dactilógrafa; depois conseguiu escrever alguns argumentos para as fitas de crianças, em especial de Mary Osborne. Foi nessa altura que lhe propuseram um contrato para Ginger. Sabedora de que as crianças, no cinema, «crescem e desaparecem», a senhora Rogers preferiu esperar. E Ginger, pelos seus cuidados, foi educada como uma burguezinha americana que se preza.

Ponto adiantado...

Teve três amores.

O primeiro foi o marido, aos dezasseis anos.

O segundo, Melvyn Le Roy, o jovem realizador. Foi uma «liaison» que durou três longos anos. Nunca pensaram em casar-se. Di-

vorciado também. Melvyn não quis meter-se em mais sarilhos.

A celebridade, contra o lar

Entretanto, Melvyn celebrou-se. A sua carreira preocupou-o, absorveu-o. Esqueceu-se de Ginger. Em Nova York, onde foi assistir à estreia de *Eu sou um cavado*, de tal forma o aclamaram, que a glória subiu-lhe à cabeça, a ponto de se comprometer demasiadamente com certas admiradoras... O eco do escândalo atravessou o continente e chegou aos ouvidos de Ginger. Olho por olho, dente por dente, e Ginger no próprio dia em que soube, deu a sua palavra a Howard Hughes. Foi o fim.

Pormenor curioso: o amor e a vida nunca se cruzaram na vida de Ginger Rogers. E data daí o êxito da *Rua 42*.

Esse filme, assim como *Gold Diggers*, foi dirigido por Melvyn. O estúdio inteiro espia os dois amantes, esperando uma cena. Ficaram desiludidos. Justamente, quando ela não era nada para ele, é que Le Roy lhe deu uma oportunidade para se evidenciar.

O terceiro amor foi Lew Ayres.

Um casamento e um tremor de terra

O primeiro encontro de Ginger e de Lewis deu-se em 10 de Março de 1933. Tanta precisão explica-se: a data é memorável.

Dez minutos depois de apresentados: um ao outro, a terra tremia na Califórnia. Todos os sismógrafos do mundo registaram o abalo.

Os corações de Ginger e Lewis sentiram outro, mais profundo e duradouro.

Dois anos durou o romance. Tão depressa os viam a pescar na ilha Catalina, como a comer um «lunch», dentro do seu carro, à sombra das árvores marginais do rio Settle.

A mãe Rogers estava encantada com este



Ginger Rogers

HEROI

PUBLICO 1 NUMERO

DATA de alguns anos a voga dos filmes de «gangsters». As façanhas dos criminosos americanos, antes do termo da lei seca, atingiram proporções inauditas. Nas grandes cidades dos Estados Unidos, deram-se autênticas batalhas. Tão depressa eram os polícias contra os criminosos, como as lutas de morte entre dois bandos rivais.

Em qualquer dos casos, o chão ficava juncado de vítimas e os jornais bradavam que era preciso pôr fim a tal estado de coisas.

O sonoro deu-nos filmes magistrais, baseados ora no regime prisional americano, ora nas proezas dos «gangsters» e na perseguição que lhes movia a polícia federal.

Lembram-se de *Big House*, de *Scarface*, de *Eu sou o Eadido*?

A série multiplicou-se, depois, em filmes vários, uns bons, outros razoáveis e outros mediocres. O filão parecia esgotado. Era difícil realizar algo de novo, no género. Mas se a História não se detém, mesmo que seja a que nos evoca os feitos heróicos da polícia americana e os crimes das quadrilhas dos bandidos, não é menos verdade também que a imaginação e a ousadia dos cineastas «yankees», se não dá por vencida, as primeiras dificuldades que surgam.

Um espectáculo excepcional

Coube à Metro-Goldwyn-Mayer—essa firma espantosa, que tão notáveis filmes nos tem dado—a glória de reeditar um género que parecia esquecido.

Herói Público n.º 1 é um modelo no género. Violento até à crueldade, movimentado até ao delírio, intenso, gracioso, grandioso e dramático—é um prodígio como cinema e como espectáculo para multidões.

Todas aquelas qualidades, todos aqueles «clous» que celebrizaram precedentes obras, encontram-se condensadas nesta obra famosa, mas elevadas a um expoente de interesse e de emoção facilmente ultrapassáveis.

A violência de *Scarface*, a emoção de *Eu sou um evadido*, a grandiosidade de *Big House* mesclam-se, num todo perfeito, nesta película notável, que é conduzida num ritmo alucinante. As imagens sucedem-se de forma empolgante, marcadas pelos tiros dos revólveres e das espingardas melralhadoras.

A vida de John Dillinger

Herói público n.º 1 tem um interesse formidável. Não é uma história pesada e solurna como *Eu sou um evadido* ou como *Scarface*. As cenas de extrema violência alternam com as situações graciosas. Ao ambiente sufocante dos grandes presídios, sucedem-se os gabi-



A Metro-Goldwyn-Mayer apresenta brevemente no "São Luiz" esta notável produção!

netes das brigadas de assalto. O ar livre nas grandes cidades dá lugar à neblina das celas.

Pela primeira vez, se encontrou uma história, com princípio, meio e fim, repleta de emoção, susceptível de agradar a todos os públicos.

Como base tomou-se a vida de John Dillinger, o célebre inimigo público n.º 1, abatido à porta dum cinema, depois de ter assistido ao espectáculo. facto este ainda há pouco debatido na imprensa, em virtude de ter surgido uma mulher que se vangloriava de o haver denunciado às autoridades.

O sacrifício da polícia americana

O filme, porém, não se destina simplesmente a focar a figura dum criminoso, e a exaltá-lo até, apresentando-o, como um herói simpático, como tantos outros.

Evoca-nos a figura dum bando sinistro «A Quadrilha Púrpura» sim, mas para exaltar paralelamente o esforço titânico, a coragem sem limites, o espírito de sacrifício dos mantenedores da ordem, da polícia americana, à caça dessas feras humanas, enraivecidas pelas continuas perseguições de que são objecto.

E o *Herói Público n.º 1* é um polícia que ludo sacrifica ao cumprimento do seu dever, e à missão sublime de livrar uma nação dum bandido lemeroso.

Ambos da mesma força, o detective e o criminoso, conseguem triunfar por vezes, vencer-se mutuamente, para no final o seu pleito se resolver de forma profundamente humana.

Fala a Imprensa

A interpretação é sublime!

À cabeça duas figuras magistrais Chesler Morris e Joseph Calleia, este um estreante, de máscara inquietante, prodígio de sobriedade e de justeza na sua interpretação.

Jean Arthur é a heroína, figura curiosíssima de mulher, que ilumina a tela, no meio das lutas, do degladiar das paixões.

E a realização de Walter Ruben? Ouçamos a crítica:

«Vivo, nervoso... um filme empolgante, (*L'intransigent*). «...dum ritmo vertiginoso, agradável a todo o público». (*Le Figaro*); «a realização é impressionante. Com as suas sutis lutas movimentadíssimas, honra o realizador», (*Le Journal*).

A crítica é, assim, unânime e entusiasta.

E *Herói público n.º 1* ficará como uma «performance» notável, a pôr a par de tantas outras obras-primas saídas dos estúdios da Metro-Goldwyn-Mayer.



JIM Hawkins levantou a cabeça, olhou os seus amigos, que se haviam agrupado à sua volta, e começaram a sua história nestes termos.

...Nesse tempo, como sabem, era ainda um garoto. Tinha onze anos, espigados, usava calças e, na cozinha, não me importava de rapar as panelas do doce... Minha mãe, viúva, então, há mais de três anos, governava sósinha a hospedaria e eu ajudava-a, o melhor possível.

Uma noite — precisamente quando festejava o meu aniversário — um desconhecido bateu à porta da «Benbow Inn».

Era um tipo forte, um antético colosso, mas mirrado pelo álcool e quasi doido. As vezes tinha fúrias terríveis. E convenci-me de que nessa altura era capaz de estripar um homem, com a mesma naturalidade com que o cozinheiro degolava um frango. Não trazia muita bagagem e nunca pagou intém. A sua maior preocupação era um cofre de dimensões regulares, chapeado de ferro e com grandes fechaduras, cofre que tratou logo de guardar no seu quarto. Este homem que parecia um velho pirata dos romances chamava-se Billy Bones.

Depressa me tornei seu amigo. Billy Bones era um bêbado inveterado. Pas-

sava o dia a engorjar copos sobre copos e então, quando já mal se podia ter em pé, ouvia-o, na sua voz rouca e avinhada, cantar uma estranha canção da qual só percebia.

...Quinze homens sobre o cofre do morto!

Yo ho ho! Yo ho ho!

Era, no fundo, um bom tipo. Tinha cruzado todos os Oceanos e todos os mares. Contava histórias da sua vida, que deslumbravam a minha imaginação infantil. No entanto, parecia haver pontos que queria ocultar. Quando lhe fazia perguntas — retrai-se.

Parecia vergado ao peso dum enorme segredo e estava sempre à espera de inimigos invisíveis, que pareciam persegui-lo por toda a parte.

Um dia, depois de ter bebido uma garrafa de «rum» caiu por terra, com os olhos esbugalhados e a boca contraindo, num «ritus» de pavor: estava morto!

E só então o mistério se aclarou.

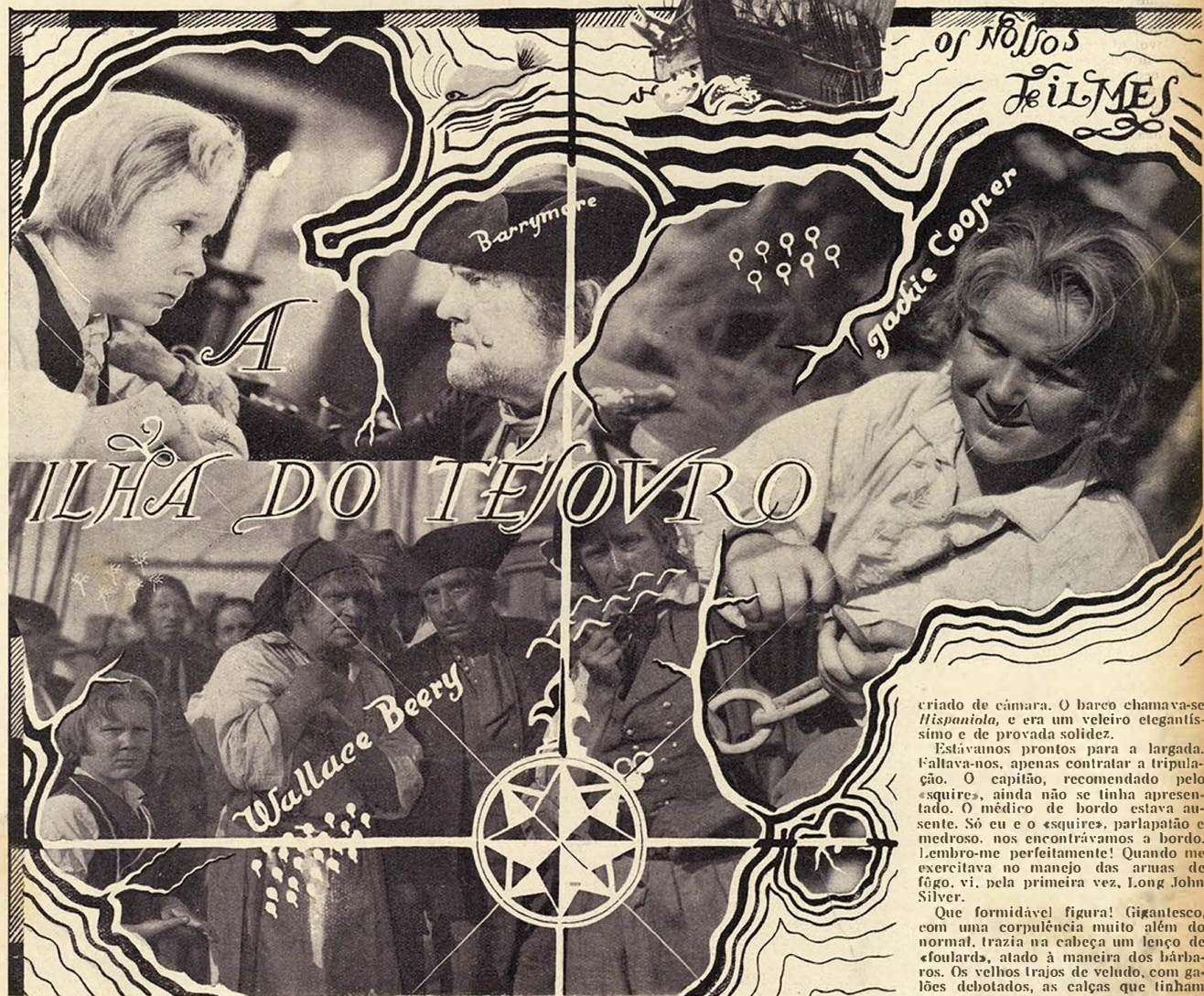
Não me alongarei sobre a abertura do famoso cofre. Minha mãe, tão escrupulosa era, que nem sequer se quis pagar da longa hospedagem de Bones, em



nossa casa. Mas eu não pensei assim e, além dumas moedas de ouro, apoderei-me, sem querer, do verdadeiro tesouro do velho filibusteiro, do motivo das ameaças e pesquisas dos bandidos: um mapa, com a posição da ilha, e todas as indicações precisas para descobrir um enorme tesouro, o mesmo que o famoso Flint guardara durante as suas viagens, das quais regressava sempre só...

Senti nascer em mim o gosto da aventura. Os «bons amigos» de Bones fizeram um ataque em forma à nossa hospedaria. Limitaram-se a constatar a morte do seu companheiro doutros tempos e a verificar que o mapa havia desaparecido. Fui então com o dr. Livesey a Bristol e decidimo-nos a tentar a sorte, sobre os mares longínquos, à conquista do tesouro dos piratas.

O «squire» Trelawney arranchou confusão. A princípio, não me queriam levar. Mas não tiveram outro remédio e deixaram-me seguir, na qualidade de



criado de câmara. O barco chamava-se *Hispaniola*, e era um veleiro elegantíssimo e de provada solidez.

Estávamos prontos para a largada. Faltava-nos, apenas contratar a tripulação. O capitão, recomendado pelo «squire», ainda não se tinha apresentado. O médico de bordo estava ausente. Só eu e o «squire», parlapatão e medroso, nos encontrávamos a bordo. Lembrou-me perfeitamente! Quando me exercitava no manejo das armas de fogo, vi, pela primeira vez, Long John Silver.

Que formidável figura! Gigantesco, com uma corpulência muito além do normal, trazia na cabeça um lenço de «foulards», atado à maneira dos bárbaros. Os velhos trajes de veludo, com galões debotados, as calças que tinham sido brancas — chamavam ainda mais

Carta do Porto

Qual o género preferido?

É muito difícil, se não impossível, por mais investigações que se realizem, por mais estudos que se façam, saber-se, ao certo, qual o género de filmes preferido pelo público do Porto.

Verifica-se, no entanto, uma acentuada tendência para os filmes musicais, quando a boa música se aliam gargantas privilegiadas.

Teve esta cidade, em tempos afastados, uma predilecção pelos espectáculos musicais, tendência que, por determinado espaço de tempo, esmaeceu, mas hoje se aviva com a apresentação de filmes em que a boa música e o belo canto predominam.

Grace Moore e Martha Eggerth são nomes que o público não esquece e se a uns seduz o devaneio que uma certa cultura musical permite, a outros é o agradável optimismo, a salutar mocidade, de que esses filmes costumam ser impregnados, que os atrai.

Isso, contudo, não quer dizer que as obras sentimentais, as fitas de argumento emotivo, as películas de certo ambiente histórico, não façam também esgotar as lotações dos nossos cinemas, como tantas vezes se tem verificado.

E dada a profundidade insondável da alma humana, a heterogeneidade da psicologia da massa pública, cada vez nos convencemos mais de que, qualquer que seja a tendência imperante, o espectador português dá a preferência a todos os géneros de filmes, cuja acção esteja de harmonia com o seu temperamento e, sobretudo, que sejam bem feitos.

O interesse pelo tricolor

Como lógica e conseqüente repercussão da propaganda da imprensa cinematográfica — apostolado que nesta cidade, nos últimos quinze anos, queimou bastantes energias — o público do Porto principia a ter do cinema, se não uma noção exacta, pelo menos uma compreensão que lhe permite olhar o alvo branco do ecrã, quando animado pela projecção das imagens, com apreciável sentido analítico.

Além disso, interessa-se já por certos artistas e determinadas produções e não lhe passa despercebido as evoluções da arte.

Presentemente, preocupa os cinéfilos, numa curiosidade sintoniada, a apresentação do cinema tricolorido.

Foi anunciado que ainda esta época seriam apresentadas algumas produções feitas pelo novo processo e isso foi o bastante para criar um agradável ambiente de especulativa.

Aos cinéfilos, aos homens, interessa saber a verdadeira cor dos cabelos da artista preferida, a tonalidade da sua tez, além da cor ser o eterno brincado dos olhos dos portugueses.

As senhoras, as cinéfilas, a quem nada escapa, a cor avivará mais no seu espírito, pelo menos, a enorme parada de modelos — de vestuário — que o cinema continuamente lhes oferece.

O grande êxito da semana

Não foi iludida a expectativa do público, nem a curiosidade dos cinéfilos,

que ansiosamente aguardavam a apresentação de Katharine Hepburn. Na verdade a sua felicíssima interpretação em «Quatro irmãs», além de demonstrar a superior categoria desta artista, convence o espectador mais exigente pela simplicidade das suas qualidades. O seu trabalho, minucioso em todas as «maneiras», perfeito nas transições, por vezes súbitas, interessou e entusiasmou o público.

«Quatro irmãs» que é, sem dúvida, o grande filme da semana, bela curiosidade e subtilidade do argumento, pela impecável interpretação e pela perfeição técnica da realização, vem fazendo uma brilhante carreira, chamando aos dois cinemas, onde simultaneamente se exhibe, enorme concorrência.

A previsão do público

É curioso notar que o público frequentador ou apreciador de cinema, nesta cidade, raras vezes segue a publi-

Era bonita.

Para afirmar que era bonita, tenho a necessária obrigação de definir o tipo de beleza que escolho para padrão: olhos pardos, dum pardo de gato esfomeado na época de lhe cair o pêlo; dentes que lembram azeitonas a criar bolor, isto é, apresentando pequenas manchas brancas em fundo negro, etc. O resto inexpressivo e sardento, emoldurado por cabeleira fulva, lembrava a lua na fase de ligação do quarto crescente com o quarto minguante.

Depois, as pernas eram género «calças», família «canivetes», grupo «não prestam».

Tôda ela (engtoba-a assim para não esmiuçar tôdas as misérias do seu corpo), parecia uma planta das que não dão flor, sempre rancorosas e bishbilho-teiras, e que contam no fundo dos buracos onde habitam, que viram muitos

Esbofeteou-me com os olhos. Perante a fixidez com que me dardejou furi-bundos feixes luminosos através da guarita das suas pupilas, eu fotografei na alma a deliciosa imagem das suas impressões oculares.

Aventurei-me na terra de ninguém: — De quem gosta mais? — Do Rudolfo Valentino... (aqui expectorou uma lágrima pelos olhos), do Garat... do... — E de rebuçados de hortelã pimeu-la, não gosta?

Em verdadeira grandeza, ou talvez 150 vezes ampliada, langüencionei-me aos ouvidos um vocabulário deveras elucidativo.

A púdica criança reenguliu a palavra. Agitou a língua em ar de troféu, e lancei nova isca:

— Gostava de ser filmada? — Correu os estores dos olhos. Tomou uma forte quantidade de ar com nêr-bios dissolvidos e alteou a gola do vestido com o arfar do peito. Transtornou-se-lhe a expressão facial, a voz barreceu-me um grunhido animalesco e carpiu gemebunda:

— A arte... quem me dera ser compreendida...; os homens são uns brutos...

Aqui hamboleou-se, fazendo chocar os ossos, inteiramente à vontade dentro do seu envólucro.

Deu uns passos arrastados, alteou o pescoço, agitou a caixa das asneiras e acrescentou:

— Não repara na minha arte? Mudou a caracterização: olhos fixos, sobranceiras a abrir e fechar, nariz afilado e respiração sibilante, a boca de rã na sua maior grandeza. Casquinou como um frasco de sulfato de sódio, isto é, atropeladamente: — Já pensou na minha vingança?... Cortezmente, informei-me: — Isso dá-lhe muitas vezes? Agitou o ar com as mãos e tirou-me perpendiculares à cara, gritando: — Sou uma mulher fatal...

Reabriu a sessão e fazia-me vêr agora um passo languido de ingénua mal amamentada e frequentadora de casas de jogo.

Peguei em tôda a minha valentia, tomei a respeitável distância de 4 metros, dobrei um braço em frente da cara e disse conciliador:

— Estou deslunhado...

Ela cresceu para mim. Mandeí passear a dignidade e desatei a correr como um valente, na frente dela...

Parei ao longe. Vi-a ainda passeando como mulher fatal, a arrastar os sapatos velhos, a alargar os braços como um par de meias estendidas, enfundadas pelo vento.

Fugi como um catita. Matei leões, ligres e «boxeurs»; mas mulheres feias, com o freio nos dentes, e com presunções a mulher fatal, nem nos antipodas posso suportar.

ERNESTO COCHAT OSÓRIO

A bonita rapariga que entrevistei tinha fisicamente um tipo definido. Podia diferir, quanto ao moral. Mas não diferia, porém. À minha primeira pergunta:

— Que pensa de mim, que lhe parece? Teve um movimento de lábios que eu compreendi e me fez atalhar apressado:

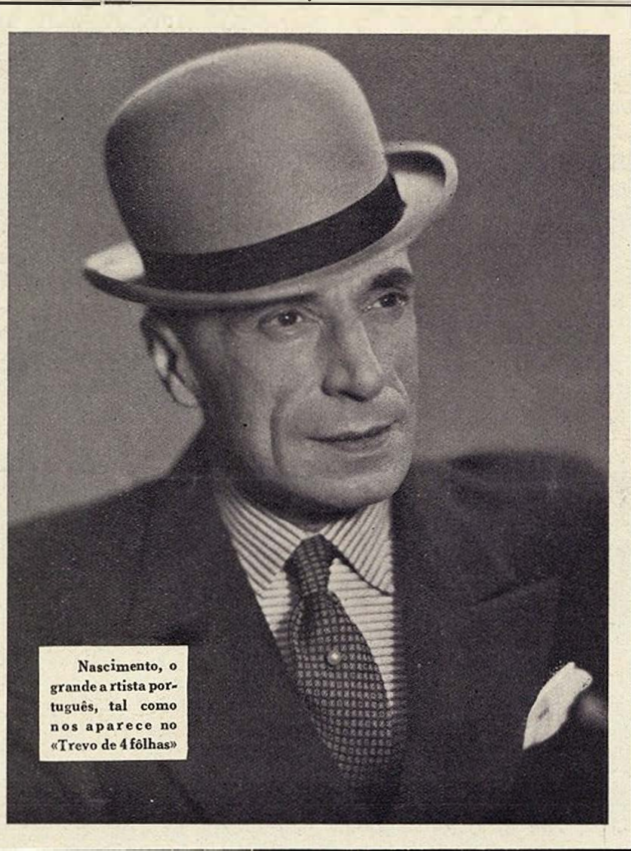
— Não seja malcriada.

Jornalisticamente e portanto mais heróico que uma peça de artilharia descarregada (que nem pode defender-se) larguei outra granada:

— Ouça, donzela. Gosta de cinema?

— Oh! O Ramon!...

— Também é dessas?



Nascimento, o grande artista português, tal como nos aparece no «Trevo de 4 folhas»

cidade quotidianamente feita à volta das produções aqui apresentadas. Revela-se este facto sintoniático, mesmo nas «premiéres», e foi verificado já na presente época.

Há filmes que são lançados com excesso de publicidade, mas de méritos reduzidos, e a que o público não acorre, nem mesmo no dia da estreia; há outros que são apresentados com a publicidade normal, mas, como possuem grandes qualidades, fazem esgotar a lotação do cinema que os exhibe, mesmo na noite da «première».

O velho aforismo de «ganha fama e deita-te a dormir» não cabe neste caso, nem o justifica, porque tem sido desmentido formalmente.

Há filmes interpretados pelas estrelas de maior fama que não despertam sombra de curiosidade.

Como se compreende este poder de previsão do público?

CARLOS MOREIRA



A Mulher e os seus Fantasmas

por

Clive

Brook

TANTO na vida como na tela é curioso constatar como as mulheres preferem que os seus apaixonados sejam alegres, enérgicos e pessoas capazes de sair gallhardamente das situações mais complicadas sem necessitarem do auxílio de ninguém.

O tipo «forte e não palavroso» é preferido ao «caixa-dotes», o banqueiro ocupado ao dançarino mundano, o homem de ciência com extravagâncias ao jovem escritor ou ao pintor boêmio e o homem de negócios ao músico genial. Dentro em breve as mulheres trocarão o homem que as embala com promessas quinéticas e sonhos cor de rosa por aquele que lhes assegura sólidas realidades: o esteta será esquecido e procurarão o macho.

Quando emprego as expressões «macho» e «tipo forte e não palavroso» sirvo-me da linguagem dos estídiolos pois é claro que não procuro referir-me aos touros dos pampas nem aos rapazes fisicamente bem feitos, habitantes das Montanhas Rochosas ou do Far-West, esses sítios isolados onde os homens são homens.

Penso muitas vezes nos benefícios que adquiriríamos em viver em tais lugares durante uma temporada e assim chego à conclusão de que seria bom todos os países possuírem o seu deserto para meditarmos e retormarmos a estabilidade moral, peregrinando por esses sítios onde o isolamento completo cria fortes qualidades de espírito que agradam à maioria das mulheres.

Nas grandes cidades encontram-se homens que aceitam como naturais as atitudes mais torpes. Vivendo no meio duma sociedade corrompida, num ambiente vicioso, necessitamos de possuir um espírito superior, corajoso e cheio de gallardia, para enfrentar as tentações. desdenhar das faças vitórias e conseguir vencer os inúmeros obstáculos e adversidades.

Para a formação dum carácter com esta superioridade a força física quasi nada influe. A prudência, essa sim, é a grande mestra — tem sido sempre a grande mestra, até de si própria — pois consegue dominar os impulsos provocados pela vida desse meio: a este papel corresponde na essência o instinto do homem primitivo, afiando o venáculo para se sentir com mais força e proteger mais facilmente a tribu dos salteadores. Isto é: antigamente prevalecia a força física — a força para resistir aos assaltos dos povos piratas — e hoje prevalece a força moral, a força da prudência para resistir às tentações.

Através dos tempos, o carácter da humanidade tem-se modificado — ia para escrever evoluído mas não o fiz pois achei que tal-

vez fôsse mais exacto escrever *retrogradado* — segundo a vontade do nosso instinto e ainda hoje é a-pesar-dos mentores intelectuais estudarem e propagandear o controle dos nossos actos por meio da consciência. Aquelle que é dotado dum conhecimento profundo da natureza humana e que está disciplinado pela experiência e pelo exercicio constante dos seus dons intellectuais, é o tipo do homem apresentado ultimamente por Bernard Shaw sob as vestes da célebre personagem *Roi Magnus* da peça «*La Charrette de pommés*».

Nesta obra o espirito irrequieto e estravagante de Shaw expõe-nos a falência duma attitud ultrajante, mesmo sendo bem intencionada, em face dos argumentos hábéis do seu espirito subtil e arguto.

É o contraste entre a ciência e a inaptidão, o sofisma e a clarividência que seduziu — e tem seduzido sempre — a fantasia de Shaw.

O espirito perante a matéria, a razão pura perante os argumentos verbais, o espirito juridico perante o espirito laico, a ordem perante o caos... são conflitos várias vezes escolhidos e interessantissimamente tratados pelo autor da «*Santa Joana*».

Nesta «charge» em torno duma crise politica há qualquer semelhança com a maneira, cheia de levandade, porque as mulheres calculam o valor dum rapaz talentoso, ousado e sincero, desde que ainda esteja por lançar.

As mulheres possuem uma repulsão instin-

tiva que as preserva dos dissimuladores e dos mentirosos. Desconfiam dos juramentos feitos pelos homens. Suspeitam (aqui está uma coisa que não deviam suspeitar... mas sim ter a certeza) que tenham distrações maliciosas com as raparigas conhecidas e que o casamento não venha a ser um leito de rosas das um leito de espinhos: o lar, em vez dum paraíso, um campo de batalha.

O tipo forte e silencioso pode não ser aquele com que as mulheres gostam de «flirtar», mas preferem-no para marido. O homem equilibrado, calmo e incapaz de desfaecer perante qualquer circunstância é a pessoa a quem a mulher confiará de mellhor vontade, a sua pessoa e o seu futuro.

Penjai nos vossos conhecidos e reconheceis que homens com este tipo não ficam solteiros.

Tenho interpretado sobretudo papéis neste género: maridos que sem razão desconfiam das mulheres; advogados de aspecto grave, defendendo uma beleza encantadora que procura divorciar-se e com quem vêm depois a casar...

O homem justo, honrado, inflexível — o homem que pode ser apontado como exemplo — é uma tentação irresistível para as mulheres pois gostam de estar junto de alguém que pode evitar os escolhos que desejam evitar.

Uma boa aparência é de grande vantagem embora seja de pouca importância se a compararmos a um carácter compenetrado. Os atractivos físicos e morta-



curiosidade instintiva dos primeiros momentos — unicamente estão de pé a posição social e as qualidades de protecção — o homem não está tão seguro de possuir a seu lado a mulher como anteriormente.

A quantas e quantas coisas nos obriga o desejo de agradar ao gosto feminino. Assim, no corridas velozes em que nos esforçamos não são muitas vezes — como aparentemente julgamos — para alcançar a bola de «tennis» lançada pelo parceiro mas sim para conservar boa forma física diante das mulheres que freqüentam o nosso meio, pois elas preferem o «diriviche» — o tipo magro sem um átomo de gordura — ao intelectual adiposo que fala das preocupações estéticas e do desejo de se exprimir em versos.

* * *

Porque tento esse tipo que as mulheres admitem e um certo «clamar» pessoal destinam-me quasi sempre papéis cheios de dignidade e de distinção.

Pessoalmente não me importo com o papel a desempenhar, desde que seja lógico. Mas quando por dificuldade de adaptação do texto me obrigam a qualquer inverosimilhança torna-se-me estúpido e falho de interesse.

* * *

Não esquecerei nunca o medo com que

desempenhei o primeiro papel em Hollywood. Tinha estado quatro anos e meio no «front» em Vimy Ridge e em Messines, mas esta impressão não tinha equivalência com as primeiras horas passadas em frente do objectivo.

Uma força estranha impossibilita-nos de executar movimentos e pronunciar qualquer frase. Até mesmo aquele que se surge imperturbável não está aqui tão sereno como ao ar livre.

A serenidade do homem forte é uma arma perante o mundo: o cinismo uma máscara escondendo os sentimentos reais. E os sentimentos reais de quem é de si cinico e calmo tornam-se mais profundos, mais tumultuosos e mais vitais que os dos outros homens.

E, no entanto, mais fácil toroar-se profundamente amoroso. Ele sabe-o e evita-o. Mas as mulheres também não o ignoram e conquistam-no e lhes duplamente agradável. Além disso o homem que deve ao triunfo a importância que desfruta no seu meio — nos negócios ou na profissão — sabem não ter necessidade de continuar a manter diante delas essa atitude forçada imposta pelo próprio triunfo. Junto delas só procura realizá-lhes os desejos e protegi-las. E as mulheres amorosas são como as crianças... gostam de ser amimadas.

CLIVE BROOK

A Ilha do Tesouro

(Conclusão da pag. 13)

a atenção para a única perna de Long John Silver. A sua face inquieta, com uns olhos muito vivos, contraindo-se constantemente em esgares e caretas, era inesquecível. Ao ombro trazia um papagaio de variegadas cores.

Long John olhou-me fongamente. Percorreu o barco num relance, de lés a lés. Abriu a boca num largo sorriso e com familiar bonomia, meteu conversa comigo.

O «squire» aproximou-se. Long John ejubilou. Decididamente, a sorte estava pelo seu lado.

* * *

Não sei ainda bem como as coisas se passaram. O certo é que ele soube inspirar a confiança do «squire», que o encarregou de fazer o alistamento da tripulação, e o admitiu como graduado, a bordo.

O capitão Smollett, um marinheiro e um chefe, ficou desagradavelmente impressionado com o que se passava. Mas não exteriorizou os seus pensamentos e os seus pressentimentos, e, nos princípios de Agosto, singramos para a fabulosa conquista do tesouro.

O fim da nossa viagem, evidentemente, era um segredo absoluto. Pelo menos assim o supunha.

E podem avaliar a minha estupefacção, quando surpreendi uma conversa entre Long John e os seus homens, que me revelou a verdadeira identidade do meu grande, do meu maior amigo: era um bandido da pior espécie. Expôs o seu plano: Calar-se até à viagem de regresso, e só então, se tratariam de desfazer dos passageiros que não fôsem da cor. E comentava, cinicamente, «os mortos não servem de testemunhas, nos tribunais».

Puz «os nossos» ao corrente dos tenebrosos planos dos piratas. Pareceram não ligar grande importância ao caso e limitaram-se a vigiar, mais de perto, a tripulação.

* * *

Chegámos por fim à famosa ilha, término da nossa expedição. Tíhamos proibido o desembarque. Mas, a despeito dos seus protestos, «consegui» meter-me na canoa de Long John. Não queria estar ao pé dele. E, por isso, mal pusemos o pé em terra, tratei de me enfiar na floresta. Andei léguas. A

nas correntes da *Hispaniola*, conseguia saltar as amarras que a prendiam. O capitão tinha dito que, se fosse possível soltá-la, ela seguiria, à deriva, até à baía vizinha do nosso fortim, e poderíamos reconquistá-la. Percorri o barco deserto. Um pirata em completo estado de embriaguez era o único guardião a bordo. Antes de voltar a terra, arreei o sinistro pavilhão negro e desfraldei de novo, no topo do mastro, o Union Jack. Cheio de admiração pela minha pessoa, regressiei a terra, com as mesmas precauções.

Saltei a palissada e, com grande surpresa minha, caí no meio dos piratas, nos braços de Long John. Os meus companheiros haviam sido forçados, durante a minha ausência a ceder terreno. E o mapa, o preciosíssimo mapa, estava agora em poder dos celerados!

O que se seguiu ainda hoje me parece um sonho: a noite que passei com os piratas; a defesa de Long John e a protecção que me dispôs contra os bandidos que me queriam linchar; a marcha, através a selva, até à caverna de Flint; a fusilaria libertadora; e, finalmente, a providencial chegada dos meus amigos que puseram em fuga e abateram os marinheiros revoltados. Não me esquecerei nunca, também, da caminhada que fizemos, com Long John, em busca do tesouro, que Benn Gunn guardava na sua choça em bom recato; o montão de ouro e de pedrarias, que rutilavam na escuridão do miserável lugário; a garganta por onde o mar, se projectava com força, o barulho da ressaca, isócrono e enervante; a espuma branca que vinha às vezes beijar os dobrões amontoados, o tesouro imenso, pelo qual os homens se tinham batido!

A volta! Os piratas que haviam escapado ao alcance das nossas balas, deixaram-se na ilha. Só Long John veio conosco para bordo! O capitão fez-me saber a sorte que o esperava: no primeiro porto em que a *Hispaniola* tocasse, seria entregue à justiça do Rei. A bordo dum navio de guerra inglês julgá-lo-iam «e seria enforcado na corda, a pressa».

Smollett, Livesey, Trelawney e os marinheiros que se conservaram fiéis alcançava a terra, justamente quando a canoa começava a meter água, atingida pelo fogo dos insurrectos.

Os piratas não se tinham contido por mais tempo. E a revolta declarara-se...

* * *

Para resistirmos ao bando de Long John, que nos podia atacar dum momento para o outro, refugiámo-nos na cabana de Benn Gunn, que Flint construíra outrora. No meio da pradaria, com a sua palissada, era um autêntico fortim, para agüentar o cerco que nos iam fazer. A dois passos dali, o mar.

No mastro grande da *Hispaniola* flutuava, sinistro, o pavilhão negro dos aventureiros.

* * *

O ataque não se fez esperar. Carreguei espingardas, a principio, e, depois, tomei parte activa na luta. Muitos dos nossos caíram para sempre. O capitão ficou ferido. Caiu a noite e a fusilaria cessou.

Postámos sentinelas, para podermos dormir um pouco. No entanto, não consegui pregar olho. Via, à minha frente Long John, com o seu sorriso bondoso e, depois, numa transição brusca, com aquela cara que lhe vi, no momento em que confiava aos companheiros os seus negros projectos! Ouvia discutir à minha volta. O capitão ouvia o relato do homem que enviara como observador. Os piratas tinham acampado em terra.

De manhã, tencionavam ir buscar o canhão de bordo para nos atacar.

Ocorreu-me, então, uma ideia louca... Benn Gunn falara-nos numa canoa que ele tinha feito. Sem o menor ruído, consegui chegar até à enseada onde ela se encontrava e daí a pouco, suspenso

que ele mesmo lançara em redor do pescoço.

Foi com esta frase que o capitão Smollett pôs fim ao discurso. E todos pareceram estar perfeitamente de acordo.

Mas para mim, aquela viagem perderia todo o seu encanto. Obsecava-me a visão do velho pirata suspenso numa fôrca! E tomei uma decisão. No dia em que tocámos em Manilla e que o capitão, com mais dois homens se ausentou para discutir o transporte de Long John para um navio da marinha inglesa, dispus as minhas coisas...

E chegou, finalmente, o momento de me despedir da mais espantosa figura da minha infância. Lembro-me, perfeitamente, de ter aberto a cela onde Long John estava fechado. Vejo ainda as luzes do porto. Oigo a água bater docemente no costado da *Hispaniola*. Long John está ainda na minha frente...

Carregado de dobrões que conseguira roubar — Deus sabe como! — olhou-me com a sua ternura rude. Estava comovido, embargado. De repente, uma lágrima, como um bago de trigo, rolou-lhe pela face. Abandonei aquela falsa gravidade de que me revestira. Chorei, como um garoto que era, a partida dum amigo. As minhas lágrimas duplicaram as luzes da cidade, que via brilhar ao longe. Só sabia que nunca mais, que nunca mais o veria!

«Ades, Long John!», murmurei. Pousou-me no ombro o velho papagaio, seu companheiro do sempre. A sua voz, embargada pela emoção, ciciou-me: «Ades, não! Entre mim e ti, não há separação que dure. Os nossos canhões hão-de se cruzar outra vez!... E então correremos os mares à procura do tesouro do velho Flint! Não desanimas! Havemos de nos ver outra vez... E teremos, então, novas aventuras».

Depressa a sua voz se extinguiu. O chapéu-chape dos remos perdeu-se na escuridão da noite! Não me pude conter mais tempo! Escondi-me num canto do barco e, do coração, chorei um amigo!...



Robert Taylor e as retró-las das suas admiradoras...

PÁGINA TEATRAL

P R O L O G O Artistas que marcam

II

VIRGINIA SOLER

DÁ, à primeira vista, a impressão de que, quanto mais tempo uma peça do gênero estiver em cena, mais afinados não de estar os coros e mais certas não de estar as marcações. É natural que assim seja. Nada, como o tempo, para tudo se conseguir. E, bastas vezes, se não pode exigir, numa peça montada à pressa, aquela precisão de movimentos, aquela certeza de efeitos que só ao fim dum longo treino se podem conseguir.

Por tudo isto, dizíamos, ao fim de alguns dias uma peça estar em cena, nela devem ter melhorado os coros e as marcações.

Infelizmente, porém, verifica-se precisamente o contrário. A qualquer observador um pouco mais que leigo, não será difícil observar que, quanto mais tempo uma peça, sobretudo uma revista, está em cena, mais as coristas se desinteressam das marcações, deixam de cantar os «refrains» que lhes pertencem, e abandonam, em absoluto,

a quota parte com que têm por dever contribuir para o acerto geral.

Em nosso entender, é um erro os dirigentes lançarem mais os seus olhos sobre os trabalhos das primeiras figuras do que sobre os pequenos elementos que formam o conjunto e, muitas vezes, «fabricam» o êxito. Um corista a trabalhar desacertada das oulras, é, para nós, tão prejudicial a uma peça, como o primeiro actor cómico da companhia engasgar-se ao dizer a melhor piada duma rábula.

Ilá, pois, que introduzir, nessa já tão numerosa classe a que chamam «girls», um pouco de disciplina. Torna-se necessário mostrar-lhes até que ponto vai a sua responsabilidade, e o prejudicial que os seus movimentos podem ser ao movimento duma peça.

Talvez assim se consiga terminar com essa anténica vergonha que é uma peça ler as marcações cada vez mais lucidas, à maneira que vai estando no car-laz e que vai passando o tempo, que é um bom mestre...



Virginia Soler

«Cine-Jornal» presta um acto de justiça publicando, nesta secção, o retrato de Virginia Soler.

Artista nova, desprovida de outros recursos que não sejam a sua arte, soube impôr-se, bastando-se a si própria, a um publico que não sabe ser pouco exigente.

Em Portugal — e não sabemos por que razões — não existem ensaiadores de revista. E, além dos «cenenadores», que dirigem as marcações e acertam a dinâmica da peça, o trabalho pessoal de cada artista é abandonado, absolutamente, ao próprio.

Assim, os trabalhos em que Virginia Soler tem, até hoje, conseguido triunfar, especialmente no gênero excêntrico, em que se pode afirmar inimitável, são devidos, em exclusivo, à sua intuição e notável temperamento artístico.

Foi na revista «% dos Pecados» que Virginia Soler se afirmou uma notável excêntrica, depois de, na revista «Lua de mel», se ter revelado uma imitadora excepcional.

De então para cá, os triunfos da jovem actriz têm sido constantes, e o publico aprendeu, definitivamente, a acarijá-la.

Após alguns dias de doença, Virginia Soler regressou ao seu trabalho na revista do Variedades, onde desempenha alguns números com a sua pessoalíssima arte.

Caixa do Ponto

Girls

PARA a próxima revista do Coliseu dos Recreios, que se intitula, não sabemos se justificadamente, «A última maravilha», anuncia-se a exibição de sessenta coristas, que têm obrigação de constituir um grupo interessante, se atendermos a que foram escolhidas, durante muitos dias, e seleccionadas entre centenas de senhoras que acorreram ao chamamento dum anúncio, para tal fim publicado nos jornais.

Note-se, porém, que, se escrevemos um grupo interessante, nos queremos apenas referir à beleza plástica, porquanto não sabemos, em matéria de marcações, o que se poderá exigir de senhoras que assim resolvam, de repente, «dedicar-se à vida teatral».

Queremos, no entanto, daqui prestar o nosso mais caloroso aplauso à Empresa do Coliseu, por contratar um grupo de coristas, que, não se podendo ainda comparar em número às grandes massas coreográficas com que o teatro estrangeiro nos deslumbra, é já o início duma nova era, para o nosso teatro de revista.

Mas — o que seria esse conjunto, constituído por coristas profissionais, certas, afinadas e aptas a realizar marcações modernas e difíceis, de indiscutível resultado?

«Clazes»

É qualquer coisa de notavelmente ridícula a forma como a «claze» de alguns teatros vem sendo feita. Aqueles senhores, que deviam estar ali discretamente, procurando confundir-se, o mais possível, com os espectadores, parecem apostados em querer dar nas vistas, mostrando, ruidosamente, que estão ali a fazer um frete.

Em certo teatro, há um senhor que sai para os corredores, e, no fim dos números, volta ao seu lugar, fecha os olhos e dá palmas com tanta força e com tal cara de sacrificado... que até parece que é ele o empresário!...

Desemprêgo teatral

Os artistas teatraes, há tanto tempo atingidos, com muitas outras classes, pela crueldade da crise, resolveram, finalmente, unir-se num movimento de solidariedade, que já está produzindo os seus frutos.

De toda a parte chegam adesões e incentivos e nalguns teatros muitos desempregados já ensaiam.

O mais engraçado é que é preciso pedir-lhes, com insistência, nos jornais, para não faltarem aos ensaios...

Grave problema é este da crise teatral. Quere-nos, no entanto, parecer que um pouco se exagera.

É facto que, no número dos desempregados, se encontram autênticos artistas. Mas, de mistura com estes, e aproveitando-se habilidosamente da oportunidade do momento, não andarão eriaturas que nunca o foram?

Se assim é, parece-nos que seria de toda a utilidade separar uns dos outros — até para maior facilidade de colocação dos autênticos artistas.

Companhias estrangeiras

Na temporada do Ginásio, entregue à Companhia Lucília-Erico, anunciaram-se algumas companhias estrangeiras.

Não somos dos que barafustam por aí que se não devem trazer a Portugal companhias estrangeiras, num momento em que se agita, por imperiosa, a questão grave da crise teatral.

Somos, antes, dos que acham absolutamente certa a vinda a Portugal desses agrupamentos artísticos — quando, pela sua categoria, alguma coisa de Arte dêles se possa esperar.

É este, indiscutivelmente, o caso das companhias que Erico Braga traz até nós.

E, porque assim é, não podemos comungar com afirmações daqueles que já vêm nisso um grave prejuizo para os artistas portugueses...

Noticias teatraes

Pela sua qualidade de semanário, «Cine-Jornal» resolveu não publicar noticiário teatral.

De resto, essa secção é tão sujeita a precalços, que, nos próprios jornais diários, é frequente vemos hoje desmentido o que ontem foi afirmado com invulgar segurança.

«Cine-Jornal» limitar-se-á, pois, a estes simples apontamentos de teatro, e a algumas criticas — escritas com a imparcialidade que julgamos imprescindível a quem se entrega a tão ingrata tarefa.

Discipulas

Aqui há tempos — não nos lembramos já em que teatro — apareceu, pela primeira vez, a inovação das discipulas. Ao contrário, porém, do que se poderia supor, essas pequenas não andavam a aprender para artistas, mas sim para girls, porquanto constituíam um grupo de seis, que dançava e fazia marcações — muito mais mal feitas, é claro, do que as das coristas.

Agora, fata-se de novo na criação, num dos nossos teatros de revista, das discipulas. Devem ser, é claro, umas pequenas interessantes, simpáticas, mas que não devem nem podem ter aspirações.

Em teatro, não há discipulas. Ou se avança de cabeça, a fazer papéis, ou então não se passa da cepa torta, que é como quem diz, de levantar as pernas duzentas vezes por noite...

«Ondas curtas»

A companhia brasileira de Jardel Jercolis estreou uma nova revista, «Ondas Curtas», que, conforme prevíamos, é bastante melhor do que a primeira com que se apresentaram.

A companhia demonstra melhor as suas possibilidades, a peça tem mais interesse, está mais bem vestida e com melhores cenários.

A esta estreia nos referiremos, no próximo número.

O HOMEM QUE PUXA O PANO

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO

Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Editora Lda (em organização)

Redacção e Administração: T. da Condessa do Rio, 27

Telefone 2 1265 e 2 1227

Comp., Impressão e Gravuras BERTRAND (Irmãos), Lda

Trav. da Condessa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano..... 48900

25 " 6 meses..... 24950

12 " 3 meses..... 12900

Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano..... 65900

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 3 — 4 DE NOVEMBRO DE 1935 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



NESTE NÚMERO: UM SENSACIONAL ARTIGO DE MAURICE DEKOBRA